

Licenciado sob uma Licença Creative Commons



Haverá “gênero” e “religião”? ou Enquanto houver burguesia não vai haver poesia

*There will be "genre" and "religion"?
While there bourgeoisie or not there will be poetry*

André S. Musskopf

Doutorado em Teologia.

Co-Coordenador do Programa de Gênero e Religião e docente da Faculdades EST
asmusskopf@hotmail.com

RESUMO: Falar sobre gênero e religião pressupõe falar sobre método e epistemologia, sobre o que entendemos por “religião” e “gênero”. Entrar nos meandros dessas temáticas pode surpreender pela diversidade de entradas, saídas, atalhos e desvios possíveis. Esse artigo adentra alguns desses espaços, de maneira descritiva e às vezes não-detalhada-o-suficiente (intencionalmente), procurando articulá-los dentro de um processo epistemológico que quer tanto visibilizar o debate existente, quanto os riscos e armadilhas e, finalmente, apontar para possibilidades que sustentem uma efetiva transformação social permanecendo aberta ao diálogo com as escolhas do/a leitor/a.

Palavras-chave: Gênero. Feminismo. Estudos Queer. Religião. Capitalismo.

ABSTRACT: Speaking about gender and religions presupposes speaking about method and epistemology, about what we understand by “religion” and “gender”. Going into the intricacies of those issues may surprise given the diversity of entrances, exists, shortcuts and detours possible. This article enters some of those spaces, in a descriptive and sometimes not-detailed-enough (intentionally), seeking to articulate them in an epistemological process that wants to make visible the existing debate as much as the risks and traps and, finally, pointing to some possibilities that support an effective social transformation while being open to dialogue with the reader’s choices.

Keywords: Gender. Feminism. Queer studies. Religion. Capitalism.

Burguesia

[...]
A burguesia não tem charme nem é discreta
Com suas perucas de cabelos de boneca
A burguesia quer ser sócia do Country
A burguesia quer ir a New York fazer compras
Pobre de mim que vim do seio da burguesia
Sou rico mas não sou mesquinho
Eu também cheiro mal
Eu também cheiro mal
[...]
Os guardanapos estão sempre limpos
As empregadas, uniformizadas
São caboclos querendo ser ingleses
São caboclos querendo ser ingleses
[...]
A burguesia não repara na dor
Da vendedora de chicletes
A burguesia só olha pra si
A burguesia só olha pra si
A burguesia é a direita, é a guerra
[...]
As pessoas vão ver que estão sendo roubadas
Vai haver uma revolução
Ao contrário da de 64
O Brasil é medroso
Vamos pegar o dinheiro roubado da burguesia
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Pra rua, pra rua
[...]
A burguesia fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia
(CAZUZA, 1989).

1. Sobre método e epistemologia

É comum começar um texto sobre “gênero” (entendido como “coisa de mulher”) com um poeminha ou uma musiquinha – e até virou moda entre escritores mais sisudos com citações mais filosóficas e ininteligíveis, claro. Talvez tenha a ver com método e metodologia – talvez não. Eu pensei que para a reflexão que eu gostaria de propor nesse artigo a música de Cazuzza me ajudaria a dizer, a fazer, a refletir (e até tirei uns pedaços pra não ficar tão comprido). Não se trata de explicá-la (embora algumas questões da música e do intérprete entrarão na discussão), de usá-la como exemplo ou como enfeite (a crueza da letra e da música nem o permitiriam). Também não se trata de fazer uma teologia da cultura (TILLICH, 1959), usando a música como artefato que expressa uma

preocupação última, como tão bem o faz Carlos E. B. Calvani (1998).¹ Quero pensar o tema proposto “religião e relações de gênero” ao som da voz rasgada e gritada do cantor cantando ao meu ouvido, pulando e fazendo meu corpo sentir a “angústia”, a “rebeldia”, a “raiva” (HARRISON, 1985; MUSSKOPF, 2005) que talvez alguns diriam que a performance retrata. Faz parte do método e da epistemologia – como produzimos conhecimentos.

A discussão nesse campo é longa e, muitas vezes, tediosa. Gadamer, Foucault, Morin, Bourdieu, Boaventura, Gebara... O “texto” e como ele me toca. O que o autor quer/quis dizer e o que eu entendo. O papel da cultura, do inconsciente, das múltiplas relações. Minhas fontes (as reveladas e as não reveladas) são muitas e vão compondo o quadro de referência dentro do qual desenvolvo minha reflexão sem deixar de ser fiel aos meus compromissos e às vezes (só às vezes) burlando as regras do academicismo e do cientificismo para poder pensar que outro jeito de “pensar” é possível – o que ainda não tem nome, ou tem tantos nomes que não conseguimos reuni-los numa fórmula matemática ou conceito universalmente reconhecível. E a “burguesia” de Cazusa é só uma delas. São relações: com textos, com pessoas, com grupos, com culturas, comigo mesmo, com minhas crenças e convicções, com o mundo ao meu redor. O método, a metodologia e o conhecimento.

E já estamos falando de “gênero”, e outros palavrões como “feminismo”, “diversidade sexual”, “capitalismo”. Outros poderiam ser agregados, mas para fins desse estudo navegaremos por esses na sua relação com o tema da religião. Isso nos sugere a música de Cazusa: “perucas de cabelos de boneca”, “sócio do Country”, “compras em New York”, “guardanapos sempre limpos”, “empregadas uniformizadas”, “vendedora de chicletes”, rodeadas de outras e tantas coisas que determinam as relações sociais e que se fundam (também) nas questões de “gênero”. E, embora, palavras mais duras tenham sido tiradas² e outras nos pareçam velhas, como “burguesia”, “direita”,

¹ Não posso aqui deixar de mencionar a impactante experiência no I Encontro de Formação da Aliança de Batistas do Brasil quando Joel Zeff e Andréia Laís fizeram uma reflexão brilhante sobre a relação entre teologia e música popular, intercalando leituras e com suas potentes vozes cantando músicas populares brasileiras. Veja notícia disponível em: <http://www.aliandebatistasdobrasil.com/2013/10/alianca-de-batistas-em-formacao.html>. Acesso em: 09 fev. 2014.

² Para quem não é familiarizado com a música, alguns trechos não mencionados na epígrafe acima: “Vamos acabar com a burguesia/Vamos dinamitar a burguesia/Vamos pôr a burguesia na cadeia/Numa fazenda de trabalhos forçados [...]Porcos num chiqueiro/São mais dignos que um burguês”. Mas também é preciso reconhecer, além do fato de fazer a *mea culpa* (“Eu sou burguês, mas eu sou artista”), segundo CALVANI, (1998, p. 224), que a “estrofe final, porém, torna-se mais amena e mesmo ambígua, na medida em que esvazia o cunho sociológico da crítica,

“revolução”³ (CALVANI, 1998, p. 230), ainda ecoam em nossos ouvidos os gritos de “vamos pra rua” que ressoaram por todo o Brasil em meados de 2013. O gênero misturado no método, na metodologia e na produção do conhecimento.

Algo não vai bem às nossas relações – alguém duvida? “Gênero”, na sua relação com vários outros temas, é uma das questões que pode nos ajudar a pensar e agir de maneira a melhor nos relacionarmos. Afinal, é disso que se trata: a forma como organizamos nossas relações – inclusive quando o assunto é “gênero”. E a religião não tem como escapar disso.

E só pra não esquecer, assim como muitas vezes nas músicas e performances de Cazuza, o humor faz parte do método e da epistemologia. No âmbito da ética epistemológica, se não for divertido (pra mim e para os/as outros/as) não nos ajudará a resolver nossos problemas cotidianos. Perderemos nossa capacidade de resistência e nos afundaremos na angústia desesperadora de filósofos e teólogos que não sabiam rir de si mesmos – e não haverá poesia (MUSSKOPF, 2005, p. 229-230; MUSSKOPF, 2012, p. 411-430).

2. Religião e gênero ou gênero e religião?

A pergunta expressa no título desse artigo (*Haverá “gênero” e “religião”?*) poderia ser entendida como uma pergunta que já foi feita várias vezes. Os decretos da morte de Deus e do fim da religião foram e são interminavelmente discutidos e rediscutidos (graças a Deus!) por sociólogos/as e antropólogos/as, cientistas da religião. Secularização, desencantamento e re-encantamento, a explosão de novas/antigas religiosidades, os pobres que optaram pelas igrejas pentecostais. O fato é que “religião” é um fenômeno humano e histórico. A crítica de Marx, a ilusão de Freud, o elemento de coesão social de Durkeim, o sentido da vida de Castoriadis, aquilo que move a sociedade e as pessoas de Durand, a função cultural de Geertz, o *numinoso* do Otto

reconhecendo a possibilidade de ser um ‘bom burguês’ – segundo a letra da música: “que vive do seu trabalho honestamente [...]É o médico que cobra menos pra quem não tem...”. Será?

³ Refletindo sobre as músicas de Renato Russo e Cazuza, CALVANI, (1998, p. 230), afirma: “Essa é a maior contribuição de Renato Russo e Cazuza para uma teologia que se pretenda inclusiva, pastoral e contemporânea: fazer-nos mais sensíveis aos problemas reais de nossa juventude”. Por isso, na introdução do capítulo em que discute *rock-and-roll* CALVANI, referindo-se a eles e outros/as roqueiros/as brasileiros dos anos 80 afirma que: “Estudá-los é de vital importância para compreender aquele momento histórico, pois, em vez de cantar o passado, todos se preocuparam em retratar o presente, geralmente com respingos de niilismo, dúvida, rebeldia, ansiedade e angústias diversas”.

(SHULTZ, 2005, p. 115-131).⁴ E, ainda, as distintas formas que “religião” assume em determinados contextos, bastando mencionar a ampla discussão latino-americana sobre “o capitalismo como religião” (ASSMANN, HINKELAMMERT, 1989; RICHARD, 1982).

Não quero me ater a essa discussão, embora não a desconsidere, mas lidar com o fato de que “religião” existe e interfere na forma como nossas relações (inclusive as de “gênero”) são construídas e experimentadas no cotidiano. Como afirma Gebara:

Creio que é nessas experiências corporais, existenciais de nosso cotidiano que nasceram [nascem] nossas crenças e depois se organizam em forma de religiões. É da atração sexual, do nascimento, da morte, da partilha, do cuidado que se organizam as mais primitivas crenças religiosas. As religiões oficializadas passaram [passam], em seguida, a gerenciar a criatividade popular e, ao gerenciá-la, controlá-la (2008, p.37).

Nesse sentido, a minha preocupação maior nesse artigo é com a “religião” enquanto “instituição” e “estruturas” e não necessariamente de maneira mais ampla enquanto dimensão da experiência humana que hora está fora do alcance das instituições, hora é controlada por elas, e que também tem vários nomes em vários contextos para várias pessoas (religiosidade, fé, espiritualidade, iluminação, sentimento profundo, relação com o transcendente ...). (SHULTZ, 2005, p. 138-144; BITTENCOURT FILHO).⁵ Embora reconheça que essas experiências, individuais ou coletivas, não ou semi-institucionalizadas, interferem na forma como as relações são construídas, me importa, aqui, discutir algumas formas através das quais tradições religiosas (e já não estamos mais falando de “religião”, mas de religiões – sem aspas), particularmente o “cristianismo” (talvez outro termo genérico demais), produzem, reproduzem, assumem, apoiam, estimulam determinadas compreensões sobre “gênero” que resultam em processos violentos e injustos.

Para isso é preciso, justamente, mudar o foco do olhar. Não se trata de pensar “o que as religiões dizem/professam/doutrinam sobre ‘gênero’”, mas o que “gênero” revela sobre as religiões e as diversas formas de conceber e viver determinadas crenças. Se pensarmos nas relações entre “homem” e “mulher” será difícil negar que sua principal marca histórica é a desigualdade que se traduz em violência (nas suas mais diversas

⁴ Ver também a discussão de outros “clássicos” da sociologia da religião: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da religião**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

⁵ Para refletir sobre a “religiosidade” brasileira SHULTZ, (2005, p. 138-44), fala de “nebulosa religiosa”. Sobre o mesmo tema ver BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**. Petrópolis: Vozes/Koinonia, 2003.

formas e expressões) contra as mulheres. Também o significado e a “utilidade” dessa desigualdade têm sido discutidas desde várias perspectivas, em diferentes momentos históricos, muitas vezes afirmando-se a “naturalidade” ou a qualidade de “destino” (BEAUVOIR, 1949)⁶ desses arranjos (veremos mais sobre isso a seguir). Questionando essas desigualdades e violências, feministas de várias gerações têm denunciado não apenas as desigualdades, mas as formas como são construídas estruturalmente em cada tipo de sociedade – do ponto de vista político, econômico, cultural – no âmbito das religiões (STRÖHER, 2002). Nesse processo, inúmeras teorias e conceitos foram sendo desenvolvidos para entender esses processos e seus mecanismos.

Embora não fale especificamente sobre o tema da “religião”, Heleieth Saffioti foi uma das autoras brasileiras que trabalhou profundamente a relação entre “gênero” e “violência”. Em “Gênero, patriarcado e violência” ela aborda questões centrais desse debate, refletindo teoricamente o tema da violência na sua relação com patriarcado, poder, ideologia – conceitos e palavras caras para feministas – dentro de uma perspectiva (crítica) de “gênero” (SAFFIOTI, 2004). Já Rosemary R. Ruether, em uma de suas obras clássicas (FOUCAULT, 2005)⁷ “Sexismo e religião” (do inglês *Sexism and Godtalk*), toma como foco a religião (o cristianismo) a partir de uma perspectiva teológica feminista para mostrar de que forma essas desigualdades (refletidas a partir do termo “sexismo”, outro conceito caro ao feminismo) foram/são construídas e significadas teologicamente (RUETHER, 1993)⁸ Também aqui, há inúmeros outros exemplos de teólogas feministas que nos últimos 50 anos têm aprofundado e desenvolvido essa discussão, incluindo “gênero” nas suas reflexões.

No também já clássico “Rompendo o silêncio”, Ivone Gebara apresenta uma “fenomenologia feminista do mal”, mostrando como a associação entre a realidade do “mal” e a experiência das mulheres (e poderíamos acrescentar também a associação com a natureza), (GEBARA, 1997) tradicionalmente vinculada à culpa de Eva pela entrada do pecado no mundo (ai, dá até cansaço pensar nisso tudo de novo) justificaria,

⁶ O primeiro capítulo do primeiro volume de BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, s/d (original de 1949 por Ed. Gallimard), traz como título “destino” justamente para tratar da biologia. Segundo ela: “Mas o que recusamos é a idéia [sic] de que constituem [os dados biológicos] um destino imutável para ela [a mulher]. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não condenam a conservar para sempre essa condição subordinada” (p. 58).

⁷ Utilizo o termo “clássico/a” propositalmente para destacar a ampla produção feminista que tem sido ignorada por grande parte da academia, em todas as áreas. Para uma discussão interessante sobre esse tema veja FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

⁸ Sua volumosa obra posterior revela o aprofundamento das discussões no campo da teologia feminista.

do ponto de vista da teologia cristã, as desigualdades e a violência contra as mulheres. Como afirma Edla Eggert, em seu livro que apresenta a experiência do diálogo sobre violência doméstica no processo de confecção artesanal com mulheres envolvidas no enfrentamento dessa realidade:

Uma vez estabelecida a pedagogia da culpa sobre as mulheres, através da crença de que foram elas que trouxeram o mal para o mundo, instalou-se um modo de fazer crer que as mulheres merecem realmente “ser menos”. Merecem o castigo. Merecem ser punidas e reeducadas. Desta forma, geralmente os homens, que sabiam escrever, forma escrevendo sobre as mulheres. Com isto, eles também foram “inscrevendo” modos de ser, fundamentais para promover uma ação muito comum entre as mulheres: o subjugo e, além de tudo, a admiração para quem subjuga (EGGERT, 2009, p. 33).

Não se trata apenas de reflexões e histerias de feministas loucas queimando sutiãs em praça pública (e até parece estúpido dizer isso nos dias atuais) ou nos altares das igrejas (não tenho notícia de que isso tenha de fato acontecido), mas de questões que estão estampadas em qualquer quadro estatístico encontrável facilmente através de um site de busca qualquer na internet. Violência contra as mulheres, contra crianças, jovens, adolescentes, contra a natureza, contra religiões, contra pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), negros/as, indígenas, palestinos... Assustadora violência engendrada como mecanismo de manutenção do capitalismo. No que diz respeito à violência contra as mulheres, esse tema também entrou (e está entrando) na pauta de algumas igrejas/instituições. Para dar apenas um exemplo, menciono alguns documentos da comunhão luterana que me são familiares por minha própria tradição religiosa. A Federação Luterana Mundial publicou, em 2002, o caderno “As igrejas dizem ‘NÃO’ à violência contra a mulher”. Segundo o então Secretário Geral, Ishmael Noko:

O documento “As Igrejas Dizem ‘NÃO’ à Violência contra a Mulher” é resultado do trabalho conjunto das igrejas-membro da Federação Luterana Mundial (FLM) entre os anos 1990-2001. Teve início como resposta à “Década Ecumênica: As Igrejas em Solidariedade com as Mulheres - 1988-1998” e foi preparado pela Secretaria da Mulher na Igreja e na Sociedade do Departamento de Missão e Desenvolvimento da FLM (NOKO, 2002, p. 7).

Esse documento foi traduzido e distribuído gratuitamente nas comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) – cujos efeitos não há nenhum estudo que demonstre. Mais recentemente, a própria IECLB publicou o caderno “Estudos sobre Gênero” através da Coordenação de Gênero, Geração e Etnias, com

diversos artigos que discutem relações de gênero, equidade de gênero, justiça de gênero, gênero e poder, linguagem inclusiva, relações de gênero e leitura bíblica e gênero e cotidiano comunitário na IECLB (IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2013). Quase simultaneamente a Federação Luterana Mundial, através do seu Conselho, aprovou uma “Política de Justiça de Gênero” com princípios e propostas metodológicas a serem implantadas em toda a Comunhão Luterana. Segundo o documento:

Justiça de gênero implica a proteção e promoção da dignidade de mulheres e homens que, sendo criados/as à imagem de Deus, são administradores/as corresponsáveis da criação. Justiça de gênero é expressa através de relações de poder igualitárias e equilibradas entre mulheres e homens e a eliminação de sistemas institucionais, culturais e interpessoais de privilégio e opressão que mantêm a discriminação. (LUTHERAN WORLD FEDERATION, 2013. p. 7).

Vemos aí aparecer o termo/conceito “gênero” e já não mais sozinho, mas acompanhado da palavra “justiça”. Isso tem implicações importantes para a discussão sobre “gênero” no âmbito da “religião” que veremos a seguir. O fato é que, o olhar a partir do “gênero” para a “religião” levanta questionamentos sobre as relações e lugares sociais experimentadas e ocupadas pelas pessoas e como as religiões têm refletido, impactado e contribuído para a manutenção de relações violentas e injustas, bem como a sua capacidade de construir formas de superação dessa situação. Isso dependerá, inclusive e fundamentalmente, de como “gênero” é entendido e como é apropriado pelas religiões.

3. “Gênero” e seus problemas

Há disputas sobre quando, quem e como se passou a utilizar “gênero” no contexto do feminismo – quanto ao fato de que se deu no âmbito do feminismo não há dúvidas. Sem entrar nesse debate, utilizo como referência uma das autoras e um dos textos que tem repicado em muitos trabalhos e discussões sobre a temática. Trata-se do também clássico texto “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica” de Joan Scott, publicado em 1986 na *The American Historical Review* (SCOTT, 1986). Tendo como ponto de partida a discussão no campo da historiografia, particularmente da “história das mulheres”, projeto empreendido por várias feministas como forma de visibilizar as formas de construção e opressão feminina ao longo da história e revelar

formas de resistência, silenciamentos e invisibilizações, o objetivo de Joan é propor uma “categoria de análise” que permita melhor apreender essas estruturas e seus mecanismos. Ela apresenta diversas críticas à forma como as próprias feministas têm lidado com as questões teóricas em seu tempo, somando-se a várias/os autoras/es que subsequentemente passarão a aprofundar o debate em torno do gênero, como veremos. Já no final de sua reflexão nesse artigo ovular⁹, ela define o que entende por gênero: “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma primeira forma de significar relações de poder” (SCOTT, 1986, p. 1067). A seguir, ela apresenta os quatro elementos inter-relacionados na construção das relações de “gênero”: 1) símbolos/representações culturais (incluindo linguagem e todas as demais formas simbólicas de representação do gênero); 2) conceitos normativos (que resultam da re/interpretação e re/definição do significado dos símbolos); 3) organizações e instituições sociais (que materializam e re/produzem os conceitos normativos re/criados a partir dos símbolos); 4) subjetividade (construções pessoais que fazem com que os símbolos, os conceitos e as instituições possam ser questionadas). (SCOTT, 1986, p. 1067-1069).

Isso já seria suficiente para uma larga discussão sobre as relações de “gênero” no âmbito das religiões a partir do campo feminista. E já não estamos mais falando de “gênero”, mas de relações, identidades, expressões, representações de gênero – sem aspas. Embora o próprio texto de Scott já indique vários problemas com o uso da categoria de “gênero”¹⁰, essa tem sido uma discussão permanente, por vários motivos, levantada por Judith Butler em “Problemas de gênero” (BUTLER 1993, BUTLER, 2004) – do inglês *Gendertrouble*, que pode significar tanto “problemas *de* gênero” quanto “problemas *do* gênero”, possivelmente uma melhor tradução – no âmbito da Teoria ou dos Estudos *Queer* (TURNER, 2012, p. 203-209; MUSSKOPF, 2012, p. 203-209). Novamente, não se trata de definir as origens e/ou as fundadoras das práticas e reflexões, pois que tudo acontece simultaneamente e é necessário superar a privatização das ideias demarcando sua propriedade através de patentes (que na minha infância significava simplesmente um “banheiro” improvisado um pouco distante da casa, constituído de um buraco na terra coberto por uma casinha de madeira com um assento

⁹ Só para não dizer “seminal”

¹⁰Em uma das passagens do texto, SCOTT, (1986, p. 1056), sugere que “esse uso de ‘gênero’ é uma faceta do que poderia ser chamado de a busca da pesquisa feminista por legitimidade acadêmica nos anos 80”. Será?

com um buraco no meio, por onde eram “aliviados” excrementos humanos, principalmente fezes e urina, e às vezes algum líquido ejaculatório).

A questão é que a Teoria e os Estudos *Queer* criaram problemas para a categoria de gênero, incluindo em sua discussão analítica questões relacionadas aos sexos (entendido como dados biológicos) e sexualidades (entendido como as distintas formas de relação erótica-afetiva-sexual entre as pessoas, o que comumente é chamado de “orientações sexuais”). Esses desenvolvimentos, que serão tratados no ponto seguinte e conclusivo, revelam o caminho feito pelo feminismo (incluindo as teologias feministas), inclusive com a incorporação do termo/categoria “gênero”. Na reflexão proposta por Elizabete Bicalho sobre “Correntes feministas e abordagens de gênero” (até os anos 80), ela apresenta 6 momentos:

- 1º O movimento filosófico da *Ilustração* e a Revolução Liberal (séculos XVII e XVIII)
- 2º Formulação do pensamento social clássico (século XIX)
- 3º Sufragismo e ciências sociais (1880-1940)
- 4º Fase clássica da reflexão feminina (1940-1965)
- 5º Reflexão do Novo Feminismo (1965-1979)
- 6º Teorias de Gênero (Anos 1980). (BICALHO, 2003. p. 38-45).

No âmbito das teorias de gênero, ela identifica distintas perspectivas:

1. Teoria das diferenças de gênero (explicações biológicas, explicações institucionais, teorias socioepistemológicas)
2. Teoria das desigualdades entre os gêneros: feminismo liberal, feminismo marxista
3. Teorias da opressão de gênero: Teoria feminista psicanalítica; Feminismo radical; Feminismo socialista; Feminismo da terceira onda (BICALHO, 2003, p. 44-45).

Baseada em outra autora, Bicalho ainda apresenta três correntes de pensamento feminista:

1. Feminismo igualitário
2. Feminismo radical: materialista, socialista, da especificidade ou autonomia, lesbiano
3. Feminismo da femitude (BICALHO, 2003, p. 46-47).

Seguindo na mesma linha, ao discutir “Epistemología, Ética y Género”, Graciela Hierro também identifica três correntes do pensamento feminista que se relacionam com três formas tradicionais de filosofia moral ou ética. Segundo ela, na relação com o *Liberalismo* se constitui um **Feminismo da igualdade**, segundo o qual: “Nós mulheres

temos a mesma capacidade de raciocínio e avaliação de nossa conduta que os homens. Se deixamos de ser as ‘idênticas’, e entramos no pacto masculino dos iguais podemos alcançar os fins a que nos propusermos”. (HIERRO, 2014). Já na relação com o *Naturalismo*, constitui-se um **feminismo da diferença** (essencialista). De maneira simplificada, a partir da ideia de uma “natureza especial” das mulheres promove a utopia de um mundo de acordo com os valores femininos. Por último, na relação com o *Construtivismo* ela identifica um **feminismo da diferença com perspectiva de gênero**, ao qual ela se vincula e afirma:

Existe a necessidade de construir e conceituar uma subjetividade feminina, não de um modo negativo nem como uma essência universal, mas como aqueles aspectos constitutivos que participam na construção da experiência feminina e seus produtos, que tem a ver com as circunstâncias e práticas concretas de grupos muito diversos de mulheres que pela primeira vez estão construindo suas maneiras próprias de conceber valores, propor e justificar novas formas de converter a necessidade em virtude; num mundo onde paulatinamente vão deixando de ser cidadãos de segunda categoria e se convertem em agentes morais e políticas de suas próprias comunidades.

Mais uma vez, não se trata de traçar uma cronologia exata ou uma tipologia correta e definitiva que nos permita definir o que é “feminismo” e o que é “gênero” e passar a julgar os/as demais. Pelo contrário, ajuda a perceber as armadilhas que podem estar escondidas, por exemplo, atrás de um feminismo burguês que sustenta as próprias estruturas que supostamente quer combater. E de repente os homens se tornam mais sensíveis e as mulheres ocupam espaço no “marcado” de trabalho. (STROHER; MUSSKOPF, 2005. p. 80-107)¹¹. Isso não significa (necessariamente) uma fragmentação do feminismo ou do movimento de mulheres. Significa que as questões em voga quando se entra na arena do “gênero” podem (e são) apropriadas pelos sistemas e estruturas vigentes tornando-se “degustáveis” e “assimiláveis”. Enquanto afirma-se que “gênero” continua sendo uma “categoria de análise útil”, inclusive no debate sobre as religiões e sua participação na definição das formas normativas de relacionamento entre pessoas de todos os sexos, há que se manter a pergunta se “haverá gênero” enquanto houver “religião” que em suas formas institucionalizadas assume o capitalismo burguês neoliberal como inevitável (e sabemos que não é - certo?).

¹¹ Não fiz referência nesse artigo há discussão sobre “masculinidade” no âmbito das questões de gênero. Para uma introdução MUSSKOPF, André S. Identidade masculina e corporeidade - uma abordagem *queer*. In: STROHER, Marga J.; MUSSKOPF, Andre S. (Org.). Corporeidade, etnia e masculinidade - Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 80-107.

4. Enquanto houver burguesia

Marcella Althaus-Reid é uma das (senão a) teólogas que melhor compreendeu e articulou esses riscos e buscou saídas. Latino-americana ela mesma, criticou duramente as teólogas feministas latino-americanas e seu aburguesamento e construiu o caminho para uma “teologia indecente” (ALTHAUS-REID, 2001, p.2).¹² Embora esteja entrando no campo da teologia, entendo que quando se trata de instituições religiosas (o tema em questão), e particularmente no cristianismo, é a teologia nossa de cada dia (produzida na academia, nas relações políticas institucionais ou na vida cotidiana dos membros de uma determinada denominação) que pode melhor refletir sobre essas questões, assumindo uma perspectiva multidisciplinar e o seu posicionamento social. Assim, afirma Marcella:

Nós não tivemos uma análise sexual da teologia sistemática, ou dogmática. A razão para isso é que sistemas econômicos podem mudar, mas a natureza sexual da teologia está próxima demais do produto final. É por causa dessa natureza sexual de sistemas teológicos que sempre, inabalavelmente, começam com a declaração sobre heterossexualidade e papéis de gênero compulsórios como parte de seu sistema distributivo, que uma heterossexualidade no armário tem sido desenvolvida e assumida como uma coisa natural. Decência é o nome da heterossexualidade Latino-Americana no armário (ALTHAUS-REID, 2001, p. 45-46).

O “gênero” também corre o risco de ficar no armário. Precisa continuamente ser examinado e reexaminado, considerando sua relação com os sexos e as sexualidades na construção das identidades e formas de expressão de cada ser humano dentro de contextos políticos, econômicos, culturais e religiosos. O binarismo cliteridectômico¹³ desconhece a diversidade de sexos, identidades e expressões de gênero e orientações sexuais e mantém a alienação dos meios de produção e reprodução da vida.¹⁴ Como afirma a pastora, intelectual, poeta e mulher da luta Nancy Cardoso em uma reflexão sobre o Dia Internacional da Mulher:

¹² “Uma teologia indecente é uma teologia que problematiza e desnuda as camadas míticas de múltipla opressão na América Latina, uma teologia que, encontrando seu ponto de partida na interseção da Teologia da Libertação e do Pensamento Queer, refletirá sobre a opressão econômica e teológica com paixão e imprudência. Uma Teologia Indecente questionará o tradicional campo da decência e ordem latino-americanas enquanto permeiam e apoiam as múltiplas (eclesiológicas, teológicas, políticas e amorosas) estruturas de vida em meu país, Argentina, e em meu continente”. (ALTHAUS-REID, 2001, p.2).

¹³ Para não dizer castrador.

¹⁴ Ainda se ouve pouco falar sobre a diversidade de “sexos” (para além de macho e fêmea). Diversos estudos e movimentos sociais têm discutido questões ligadas à intersexualidade, mas prefiro aqui mencionar o aprendizado sobre esses temas vivenciados da Conferência da Rede Inter-Religiosa Global para pessoas de todos os Sexos, Orientações Sexuais, Identidades e Expressões de Gênero (GIN-SSOGIE) que ocorreu em Janeiro de 2014 na África do Sul através da convivência e debate com pessoas que assim se identificam. Eis minha fonte.

O 8 de março é um dia de luta contra a propriedade privada... também no âmbito das relações sociais, do casamento e da sexualidade. Cama, mesa e banho. É isto mesmo... queremos abolir os poderes de latifundiários, empresários, políticos, patrões, maridos e senhores. Horrorizai-vos! O 8 de março é um dia anti-burguês, contra as ridículas homenagens burguesas que tentam continuar emburrecendo as mulheres com tradição, família & propriedade ou flores, bombons & um laço de fita, ou mitos do amor romântico, da beleza e da maternidade. Horrorizai-vos! É contra tudo isso que lutamos, articulando classe-gênero e etnia na construção de um eco-socialismo feminista (CARDOSO, 2014).

Desvincular “gênero” de todas essas e outras questões será acabar com a possibilidade da poesia como expressão do “bem comum”, ou de outro mundo possível. E a sentença de Cazuzza é definitiva: *enquanto houver burguesia não vai haver poesia*. A sua angústia, a sua pressa (ARAUJO, 2004, p. 257-272)¹⁵, a minha angústia e a minha pressa, o seu sexo e o meu sexo (eu também cheiro mal!). Segundo Rodrigo Faour: “O curioso sobre Cazuzza é que, apesar de seu temperamento tão aberto e escachado, em toda a sua obra gravada não existem pistas à sua homossexualidade” (FAOUR, 2006, p. 421). Não é curioso. Simplesmente porque a sua sexualidade e a minha estão lá, misturadas na nossa pressa de romper com as estruturas que oprimem e apartam nossos corpos e no nosso jeito de ver e fazer as coisas – e, ainda assim, nós também cheiramos mal.¹⁶

A burguesia, o capitalismo, os impérios ainda existem. E apesar disso, a poesia também. Ela nos salva e nos fortalece. Ela existe nos grafites em paredes recém-pintadas ou nos muros sujos dos centros urbanos abandonados, nas faixas e cartazes do povo que vai às ruas, nas lutas cotidianas, nas relações de justiça construídas aqui e ali, em todas as formas de resistência àquilo que nos objetifica e mercadoriza. Nesse sentido, exagerados que somos, nos unimos à Marcha Mundial de Mulheres (MMM) que em seu documento final, entre outras coisas, afirma:

A MMM constrói desde o cotidiano, e a partir da realidade das mulheres, uma ação local conectada à articulação mundial em que a solidariedade é um eixo estruturante. [...]

Nossas formas de ocupação dos espaços públicos e políticos expressam a irreverência e a ousadia coletiva das mulheres. A partir dos nossos métodos, ritmos e vozes, construímos a cultura feminista contra-hegemônica, que incorpora a juventude em um processo integrador de várias gerações como parte de um projeto comum de transformação de nossas vidas. [...]

¹⁵ O 15º capítulo de ARAUJO, Lucinha. **Cazuzza – Só as mães são felizes**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004, p. 257-272, chama-se “pressa de viver”, o que de alguma forma combina com um “exagerado”, particularmente ao receber o diagnóstico reagente para HIV, e mais adiante a autora nos conta que “Burguesia” foi o seu último álbum, seu último videoclipe.

¹⁶ Eis outra de minhas fontes. Confesso!

Afirmamos que a auto-organização das mulheres é nossa estratégia de fortalecimento como sujeito político que constrói uma força mundial, em aliança com os movimentos sociais que compartilham da luta anti-capitalista, e por uma sociedade baseada nos valores de liberdade, igualdade, justiça, paz e solidariedade.¹⁷

Talvez não haja gênero. Talvez não haja religião. Mas haverá poesia!

*Eu sou eu.
Você é você.
Eu não estou neste mundo para atender
às suas expectativas.
E você não está neste mundo para atender
às minhas expectativas.
Eu faço a minha coisa.
Você faz a sua.
E quando nos encontramos.
É muito bom (ALVES, 1999. p. 158).*

Referências

- ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecenttheology**. London: Routledge, 2001.
- ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papirus/Speculum, 1999.
- ARAÚJO, Lucinha. **Cazuza – Só as mães são felizes**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004.
- ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. **A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia**. São Paulo, SP: Vozes, 1989.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, s/d (original de 1949 por Ed. Gallimard).
- BICALHO, Elizabete. Correntes feministas e abordagens de gênero. In: SOTER (org.). **Gênero e teologia**. Belo Horizonte/São Paulo: SOTER/Paulinas/Loyola, 2003.
- BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 1993;
- BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**. Petrópolis: Vozes/Koinonia, 2003.
- CALVANI, Carlos E. B. **Teologia e MPB**. São Bernardo do Campo/São Paulo: Umesp/Loyola, 1998.

¹⁷ **Feminismo em Marcha para Mudar o Mundo**. Disponível em: <http://encontrommm.wordpress.com/2013/08/31/documento-final-do-9o-encontro-internacional-da-marcha-mundial-das-mulheres/>. Acesso em: 09 Fev. 2014.

CARDOSO, Nancy. No dia 8: luta e indignação. Disponível em: <http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=1¬iciaId=403>. Acesso em: 9.02. 2014.

CAZUZA. Burguesia. In: **BURGUESIA**. Álbum discográfico. Som Livre, 1989.

EGGERT, Edla. **Narrar processos**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

FAOUR, Rodrigo. **História sexual da MPB**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (org.). **Epistemologia, violência, sexualidade**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

HARRISON, Beverly W. The power of anger in the work of love. In: ROBB, Carol S. Edit.). **Making the connections**. Boston: Beacon, 1985.

HIERRO, Graciela. **Epistemología, ética y género**. Disponível em: <http://rehue.csociales.uchile.cl/genero/mazorka/debate/ghierro.htm>. Acesso em: 10.01.2011.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Estudos sobre gênero**. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/IECLB, 2013. Disponível para download em www.luteranos.com.br. Acesso em: 15.01.2014.

LUTHERAN WORLD FEDERATION. **Gender Justice Policy**. Genebra: LWF, 2013. Disponível em: <http://www.lutheranworld.org/content/resource-lwf-gender-justice-policy>. Acesso em: 09. 02. 2014.

MUSSKOPF, André. **Via(da)gens teológicas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

MUSSKOPF, André S. Identidade masculina e corporeidade - uma abordagem *queer*. In: STROHER, Marga J.; MUSSKOPF, Andre S. (Org.). **Corporeidade, etnia e masculinidade - Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar rosa**. São Leopoldo: Oikos, 2005.

NOKO, Ishmael. Prefácio. In: SINGH, Priscilla. **As igrejas dizem “NÃO” à violência contra a mulher**. Genebra, FLM, 2002. (publicado no Brasil pela Editora Sinodal, São Leopoldo, RS).

RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e religião**. Trad. Walter Altmann, Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

RICHARD, Pablo. **A luta dos deuses: os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador**. São Paulo: Paulinas, 1982.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, Vol. 91, n. 5, dez. 1986.

SHULTZ, Adilson. **Deus está presente - o diabo está no meio**. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST, 2005.

STRÖHER, Marga Janete. **Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo**: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista. São Leopoldo, 2002.

TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da religião**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TILLICH, Paul. **Theology of culture**. New York: Oxford University Press, 1959.

TURNER, William B. **A genealogy of Queer Theory**. Philadelphia: Temple University Press, 2000.

Recebido: 11/09/2013

Received: 09/11/2013

Aprovado: 19/12/2013

Approved: 12/19/2013